

08 MAR 1993

4 --- JORNAL DA TARDE

Com Brasil

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO
 Av. Eng.º Caetano Álvares, 55 — Tel.: 856-2122 (PABX) — CEP 02598-900
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01065-970 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável
RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Homem de Montes
 Oliveiros S. Ferreira

Diretor de Unidade
Ruy Mesquita Filho

Diretor de Redação
Fernão L. Mesquita
Diretor Executivo
Fernando L. Mitre
Editor Chefe
Celso Kinjô

Diretor Superintendente
Francisco Mesquita Neto
Diretor Comercial
Roberto Crissiuma Mesquit
Diretor Agência Estado
Rodrigo L. Mesquita

Nem um minuto sozinho

Tratando da crise surgida desde que se anunciou que Paulo Haddad seria substituído no Ministério da Fazenda pelo sr. Eliseu Resende, a **mídia** brasileira concentrou sua atenção no circunstancial, relegando o essencial para segundo plano. O circunstancial a que nos referimos, nessa crise, é a pessoa do novo ministro, com seu currículo eivado de descompromissos com o rigor ético no trato do dinheiro público, invocado com alarido, talvez excessivo, não por políticos notórios pela fidelidade a esse rigor ético, mas sim por sua persistência em priorizar os critérios ideológicos. O que leva esses políticos, a maioria dos quais até agora apoiando o governo Itamar, a ameaçar retirar esse apoio é o fato de Eliseu Resende ser um homem da "direita", com ótimas relações com grandes empreiteiros, vindo apenas em terceiro lugar, como motivo de sua reação negativa, o fato de ele ter sido condenado pelo Tribunal de Contas da União.

A **mídia** vem dando muito mais importância a esse ingrediente da crise, que consideramos circunstancial, do que àquele que nos parece essencial. E esse ingrediente essencial chama-se Itamar Franco, com sua personalidade da qual ele afirma que "jamais abrirá mão" e que é totalmente incompatível com o que poderíamos chamar de "personalidade de Presidente da República", que, em linhas gerais, deveria ser sempre a mesma, chame-se o titular eventual do cargo máximo da hierarquia administrativa da Nação Itamar, Fernando, José ou João Batista.

Foi sua "personalidade", que a cada dia torna mais improvável a inauguração do seu governo, que até hoje não começou a funcionar, que o levou a nomear, depois de cinco meses na Presidência da República, seu terceiro ministro da Fazenda. Na situação calamitosa em que vive o País em termos de inflação quase hiper e recessão cada vez mais profunda, só isso justificaria todo o desalento e todo o medo demonstrados pela sociedade ante essa decisão, ainda que o substituto de Paulo Haddad fosse alguém sem máculas, nem éticas nem ideológicas.

O que aprofunda o desalento, a intranquilidade e o medo do dia de amanhã é o fato de em 150 dias de desgoverno o sr. Itamar Franco ter dilapidado totalmente o crédito de confiança, de proporções inéditas em nossa história republicana, que lhe foi aberto pela sociedade quando assumiu. Nós, desde o primeiro momento, julgamos esse crédito excessivo. Mas as circunstâncias dramáticas em que Itamar as-

sumiu, se não o justificavam, explicavam-no amplamente.

Hoje, o (des)governo, que não tinha praticamente oposição, pode continuar sem oposição que não seja do tipo "propositiva", mas está completamente sem apoio, mesmo porque não consegue apresentar o que quer que seja que possa ser apoiado.

O desalento manifesta-se, de forma mais explícita, dentro do próprio governo, onde os melhores ministros, aqueles que conseguiram, apesar de tudo, trabalhar eficientemente, principalmente porque não foram perturbados pelo superior hierárquico, já não se preocupam em disfarçá-lo.

Antônio Britto, da Previdência Social, adverte que "o País não agüenta mais não dar certo". Andrade Vieira, da Indústria, Comércio e Turismo, confessa que, apesar de a crise brasileira já durar tanto tempo, não está "conseguindo enxergar a luz do túnel". Fernando Henrique, do Exterior, não faz declarações desse gênero, mas trabalha ativamente para desfazer a péssima impressão causada pelo presidente ao interferir nas nomeações para o Banco Central, tentando levá-lo a aceitar para a presidência daquele organismo financeiro alguém que mereça a confiança de quem entende de finanças.

Mas o ministro que pôs realmente o dedo na ferida foi aquele que, pedindo ao jornalista para não ser identificado, observou: "O presidente não pode ficar sozinho um minuto".

É exatamente isso que queríamos dizer quando, em editorial em que comentávamos a demissão de Paulo Haddad, afirmávamos que o presidente é **inimputável**, no sentido jurídico do termo. Ele faz o que faz porque não sabe o que faz. E, se continuar fazendo as coisas (ou deixando de fazer coisas) sozinho, vamos sofrer o vexame de mais uma crise institucional, alguns meses depois daquela que acabou com a presidência Collor.

Por incrível que pareça, cinco meses depois que Itamar desceu de pára-quadras no Palácio do Planalto, estamos ouvindo novamente a palavra **renúncia**. Pronunciada lá, nos círculos mais íntimos do presidente, e não aqui fora, por aqueles que o rabujento ex-prefeito de Juiz de Fora chama de golpistas.

Ninguém pensa em golpe, evidentemente, mas todo mundo está pensando em **tutela**. Numa espécie de **regência**, como aquela que o Brasil conheceu no tempo da menoridade de D. Pedro II.